

MANIFESTE-SE!

O manifesto como experiência educomunicativa



Marina Magalhães (org.)

Marina Magalhães (org.)

MANIFESTE-SE!

O manifesto como experiência educomunicativa



Marca de Fantasia

Paraíba, 2020

Manifeste-se!

O manifesto como experiência educacional

Marina Magalhães (org.)

Série Veredas, 45. 2020



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407

João Pessoa, PB. 58045-180

marcadedefantasia@gmail.com

www.marcadedefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia - CNPJ 19.391.836/0001-92 e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Editor/Designer: Henrique Magalhães

Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;

Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;

Gazy Andraus, Pós-doutoramento na FAV-UFG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI;

José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB;

Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nilton Milanez - UESB;

Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;

Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB

Capa: Fragmento de foto de Bruno Lopes sobre grafite de Whils com arte sobre Marielle Franco. Na folha de rosto, a imagem completa. Fonte: internet.

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-01-0

Aos mestres da invenção.
Aos que não cabem em caixas,
fórmulas ou padrões.
Aos que desafiam e recriam o social.

Sumário

Prefácio: Protesto, crítica e carnavalização na contracultura brasileira Cláudio Cardoso de Paiva	7
Introdução aos manifestos Marina Magalhães	18
Parte I Manifestos e realidades brasileiras – inspirações	
“Manifesto da poesia Pau-Brasil” Oswald de Andrade	24
Canção-manifesto “Tropicália” Caetano Veloso	31
Manifesto “Caranguejos com cérebro” Fred Zero Quatro	36
Parte II O manifesto como experiência educacional	
Paraíba feminina, sim sinhô! Aluska Freire, João Morais, Leticia Neiva, Renato Douglas, Rodolfo Santos, Wemerson Roberto	41

A vida que ninguém quer ver	44
Luís Melo, Luan Gomes, Efigênio Saraiva, Sabryna Simões, Haline Oliveira	
Desculpe a balbúrdia: estamos lutando pelo futuro da educação	49
Ana Sibelle Moura, Amanda Katarine Silva, Celine Mendonça, Christiane Pereira, Jéssica Santos, Neusa Raquel Gouveia	
Manifesto das humanas para humanos	54
Cynthia Caroline, Germano Medeiros, Jamila Monteiro, Juliana Alves, Rayne Soares, Rodrigo Sousa	
Posfácio: Últimas notas de campo	60
Marina Magalhães	
Referências	63

Protesto, crítica e carnavalização na contracultura brasileira

Ecos da antropofagia, tropicália e mangue Beat nos ecossistemas comunicativos

O Brasil é um enigma. É próprio de um enigma provocar interpretações polissêmicas e contraditórias. Todo enigma verdadeiro é, ao mesmo tempo, ficção e realidade (Affonso Romano de Sant'ana).

A proposta do livro *MANIFESTE-SE! O manifesto como experiência educ comunicativa*, organizado por Marina Magalhães, é contemplar o protesto, a manifestação política, como experiência educ comunicativa. E instiga a curiosidade, pois acena para a passagem dos atores sociais da sua condição passiva de aprendizes e (tele)spectadores a um nível de agenciamento mais (inter)ativo. Ou seja, pressupõe a educ comunicação como *locus* propício à experiência da manifestação como mediação sociocultural. Uma postura filosófica reveladora do novo estágio da cultura de protesto. Mas esta tarefa impõe algumas digressões. “Educ comunicação” é um termo pouco corrente na mídia e conversações na esfera pública, mas fecundo no debate nas ciências da Comunicação e da Educação. Trata-se de um encontro frutífero de duas áreas acadêmicas, institucionais, universitárias, que estudam ex-

periências estratégicas do “educar” e “comunicar”, no âmbito da economia, sociedade, cultura e política contemporâneas.

Historicamente mais antiga, a Educação (em termos institucionais) está ligada à Pedagogia, derivada da palavra grega *paideia* (formação); isto é, o ato de ensinar, lecionar, transmitir saber, formar. A institucionalização dessa experiência forjou designações fechadas como sistemas educativo, escolar, acadêmico. Todavia, o sentido da palavra *educação*, enquanto dispositivo de formação do *homo sapiens*, talvez se realize mais plenamente na acepção do “campo educacional”, pois as emanções que forjam a formação mental (pré-estágio da cognição) advêm de várias fontes além da escola. Formamos nossos “saberes” (nos educamos) sobre os fenômenos, seres e coisas, por meio de percepções, afetos e memórias, a partir das vivências interpessoais, da casa, da rua, da vizinhança, do trabalho, da vida em comunidade. O termo “campo educacional” transcende os limites da mera reprodução técnico-industrial, e revela a natureza ética, proativa e viral de uma experiência eminentemente coletiva.

A palavra *comunicação*, surgida na retórica antiga, ganhou asas com a prática jornalística no séc. XIX e se tornou ação estratégica com as duas grandes guerras mundiais do séc. XX. E com a aceleração e velocidade da modernização industrial-tecnológica, o termo “sistema midiático” (originado dos slogans publicitários), remete à expansão dos *mass media* e a midiatização social; mas é tão redutor como o termo “sistema educativo”. Pois a comunicação, genealogicamente, liga-se às noções de “*comunitas*” (comum, comunidade, comunitário). Logo, o campo comu-

nicacional amplia e impõe dinâmica ao vocábulo comunicação, inferindo-lhe o sentido de ação.

O conceito de educomunicação goza, assim, da riqueza da transdisciplinaridade. Enfrenta a mixagem e hibridação de experiências que se realizam no plano concreto e histórico-social da vida vivida e no plano da produção teórica e metodológica, a partir do ativismo dos pesquisadores, especialistas da área de Ciências Humanas e Sociais (Paulo Freire, Barbero, Kaplún, Bordenave, Orozco e outros são alguns dos seus expoentes).

Quando todas as atividades da experiência vivida são afetadas pelo efeito tecnológico da irradiação midiática, quando há o envolvimento total dos corações e mentes, é preciso conjugar os artefatos memoriais dos campos educacional e comunicacional, resgatando as dimensões ética, afetiva, cognitiva, actancial desses campos. Trata-se de levar a sério a transição fenomenológica do *dizer* ao *fazer*, do *pensar* ao *agir*. Logo, a educomunicação implica a práxis de um agenciamento. Por isso, examinar a experiência da “manifestação política” pelas lentes da “educomunicação” mostra-se uma empresa promissora. Mas a proposta se torna mais instigante pela contextualização histórica, sociocultural e política que delineia, ou seja, tomar como referenciais os matizes contraculturais, críticos e subversivos do modernismo, tropicalismo e pós-tropicalismo (mangue beat).

Em época de pós-verdade, fake news, simulação de dados, dispositivos de apagamento da memória social, a recorrência à história consiste em uma estratégia inteligente. Este trabalho se traduz enquanto um exercício de olhar e escuta da realidade brasileira. Predis põe-se a apreender alguns elementos que possam servir de

referências para um debate sobre a cartografia sociopolítica recente do Brasil. A atualidade de sua empreitada reside nos recortes dos pesquisadores sobre as manifestações contraculturais recentes, colocando em perspectiva os três marcos supracitados.

O “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” (Oswald de Andrade, S. Paulo, 1924), a canção-manifesto “Tropicália” (Caetano Veloso, Rio, 1968), o manifesto “Caranguejos com Cérebro” (Fred Zero Quatro, Recife, 1992) são registros fortes na produção contracultural, pois enfrentam a violência, o controle, a dominação por parte dos poderes hegemônicos. São manifestos que enfrentam a crise da racionalidade moderna; *insights* poético-filosóficos, sabedorias estéticas, alquimias erudito-populares que afetam as formas da consciência, moral, atitudes e comportamentos. Essas inovadoras visões de mundo e experiências vividas alteram também os regimes cognitivos e comunicacionais. E a irrupção dos novos manifestos no século XXI afeta igualmente os quadros escolares, científicos, universitários, hoje – na maioria – aparatos técnico-científicos instrumentais a serviço das empresas e corporações da economia neoliberal. A ciência com consciência requer novos paradigmas, e a Educomunicação se agita como dispositivo inovador.

O resgate dessas três grandes matrizes artístico-culturais é importante porque atualiza as formas da vida mental norteadas pelo “saber com sabor”, pelas experiências filosófico-literárias, artístico-musicais e audiovisuais conectadas às raízes e antenas do Brasil. Lugar (in)comum onde se encontram o atual e o memorial, o mitológico e o histórico, o tradicional e o moderno, o lógico e o sensorial. Cada uma dessas, em tempos e espaços distintos, sinaliza as pulsões subterrâneas do coletivo irradiadas na prosa coti-

diana, literatura, jornalismo, música, artes audiovisuais, atitude e comportamento social, e cuja principal virtude consiste no exercício de uma dialética permanente e em constante transformação.

Esboça-se aqui um trabalho atento à dimensão trágica do cotidiano nacional, aos vários matizes da colonização, aos profundos abismos sociais, à tradição autoritária das elites, à violência sistemática contra os excluídos. Resistindo à barbárie, a positividade desses movimentos reside sobretudo na sua potência subversiva, na evocação dos espíritos ancestrais enraizados no inconsciente da cultura (na memória primordial dos índios, negros, mestiços, os deserdados da terra). Esses experimentos estéticos de raízes populares e reelaborados pela imaginação criadora dos intelectuais e artistas têm sido – inteligentemente – irradiados pela poética da midiaticização audiovisual, gerando a catarse de várias gerações (anos 20/30, 60/70, 80/90).

A palavra-chave para indicar uma síntese dos três manifestos seria o “carnaval”, ou antes, o fenômeno da “carnavalização”, experiência visceralmente assimilada ao *ethos* brasileiro, para além dos três dias do período momesco^I. O termo “país do carnaval” nem sempre é pejorativo, pode ser genuíno, mas transcende a festa da carne, pois exprime a potência do sincretismo étnico,

I. Convém lembrar a contribuição do pensador russo Mikhail Bakhtin, criador do conceito de “carnavalização”, como estratégia afirmativa dos atores sociais nos campos da linguagem, manifestação artístico-cultural e política. Cf BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Editora Hucitec, 2010.

cultural e êxtase místico-religioso, o que permite aos cidadãos escaparem das regras e normatizações oficiais, ideológicas, institucionais, mercadológicas.

Assim, o livro é feliz na predisposição em escolher as matrizes contraculturais da antropofagia, da tropicália e do movimento mangue-beat, como pretexto semiótico-cultural e político para repensar as metamorfoses socioculturais e políticas do Brasil contemporâneo do séc. XXI. Trata-se aqui do exercício de uma ação comunicativa, norteadada pelo (re)encanto radical de uma metodologia/epistemologia, que “mira nos olhos da tragédia” e busca decifrar o enigma da “terra em transe”, de um país cujas históricas contradições têm adiado repetitivamente o seu sonho democrático e seu desejo de autonomia, emancipação e civilidade.

Rastros do feminino na Terra-Mátria Pindorama ou Pau-Brasil

O *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, no rastro da Semana de Arte Moderna de 1922 e seguido pelo movimento Pau-Brasil, movimento antropofágico (1928), influenciado pelas vanguardas europeias, foi importante pelo debate acerca das ideias controversas sobre o “nacionalismo” e o combate ao ufanismo e racismo do Movimento Verde e Amarelo (1926). Recorre às origens, o nativismo, abrindo caminho para o resgate do arquétipo de Pindorama, etimologia da “Terra-Mátria Brasil”. A presença da artista plástica Tarsila do Amaral, esposa do poeta Oswald de Andrade, é crucial na crítica do patriarcado. Ou seja, forma e conteúdo in-

teragem promovendo a subversão dos poderes dominantes, carnavalização, autonomia e liberdade na arte e na vida.

O tropicalismo ou tropicália (anos 60/70), revisita, avança e atualiza as propostas contraculturais dos modernistas (e do Manifesto Pau-Brasil), trazendo no seu bojo procedimentos estéticos, ético-políticos e culturais, em sintonia com os movimentos jovens, dos negros, mulheres e gays, em outras partes do mundo. Refaz-se aqui uma metacrítica do nacionalismo e do regionalismo (presentes nos protestos modernistas), ressituaando as linguagens e multiculturalidades do Brasil e do Nordeste Brasileiro (das mulheres brasileiras e nordestinas).

A canção-manifesto *Tropicália* abre caminhos para os discursos de rebeldia e contestação, em que a polissemia, a ambiguidade e o duplo sentido da narrativa musical acolhem, louvam e encorajam as ações feministas. Aliás, a poética de Caetano Veloso (assim como a de Gilberto Gil e Chico Buarque) constitui um hino de louvor à alma feminina. “Despretensiosamente”, a letra do manifesto se conclui com versos atrevidos, que fariam estremecer a estética, o *ethos* e a gramática musical do patriarcado tupiniquim, e isto seria apenas o começo do que viria pela frente: “Viva a banda-da-da Carmem Miranda-da-da-da Viva a banda-da-da Carmem Miranda-da-da-da-da”.

O Mangue Beat, principalmente na figura de Chico Science (e claro, o *Manifesto Caranguejos com Cérebro*), que poderia se incluir numa expressão do “pós-tropicalismo”, exponencializa a ética-estética da carnavalização. Batidas, sonoridades, ritmos frenéticos, linguagem ultramoderna, reuniram forma e sentido, transgressão e criatividade, exaltando o elemento da terra, o

mangue, a “grande mãe natureza”, criando revoluções moleculares cujo alcance se faria sentir nas gerações do próximo milênio. O grito de guerra dos desvalidos se faz sentir em todos seus acordes de guitarras e notas dissonantes. O protesto do Mangue Beat se faz sob o signo do feminino.

A coragem, a valentia, a inteligência dos manifestos ao longo da história da contracultura, durante décadas, foram germinando percepções, afetos e memórias geradoras de uma nova contestação. “Pulsões subterrâneas” retornam do inconsciente coletivo e realimentam as novas modalidades de manifestos e indignações, como no atual caso das mulheres.

Enfrentando o triste fenômeno do feminicídio, em expansão no Brasil e no Nordeste Brasileiro, os pesquisadores Aluska Freire, João Morais, Leticia Neiva, Renato Douglas, Rodolfo Santos e Wemerson Roberto, participantes do livro MANIFESTE-SE!, utilizam-se do expediente da paródia, da carnavalização, invertendo a expressão machista “Paraíba Mulher Macho”, através de uma nova expressão irreverente e com fina ironia: “Paraíba feminina, sim *sinhô!*”

“De perto ninguém é normal”.

Olhar transdisciplinar para objetos complexos

O conjunto de elementos envolvidos nos projetos estéticos e políticos dos manifestos modernista, tropicalista e mangue beat são tão complexos e controversos que exigiriam um esforço transdisciplinar, ou seja, saberes que não delimitam um objeto específico dado as suas intersecções, como questões de classe, etnia, gênero,

credo, geração, etc. Aliás, o prefixo “trans” é necessário para dar conta das interpenetrações de experiências configurando novos estilos de identidade (ou identificações): “transpolítico, transes-tético, transgênero, transexual” (Baudrillard) parecem ser termos adequados para tratarmos de antigos fenômenos e experiências que reaparecem (desde os anos 90) com outras modulações.

O fenômeno da “transfobia” (horror e intolerância aos trans-gêneros) é o objeto do manifesto de Luís Melo, Luan Gomes, Efi-gênio Saraiva, Sabryna Simões e Haline Oliveira, no texto “A vida que ninguém quer ver”. Este é o tema que serve de fio condutor para a mirada específica da educomunicação.

“Desculpe a balbúrdia, estamos lutando pelo futuro da Educação”

A apropriação dos termos deslocando-os de seu contexto e empregando-os em um novo contexto. A inversão, a paródia, a subversão, esse recurso típico das produções barrocas, atua como estratégia básica na elaboração do modernismo, da tropicália e na estética do mangue beat de Pernambuco.

Aqui os autores (Ana Sibelle Moura, Amanda Katarine Silva, Celine Mendonça, Christiane Pereira, Jéssica Santos, Neusa Ra-quel Gouveia) retomam o termo “balbúrdia”, empregado pelos gestores neoliberais e privatistas para desmontar as ações pro-gressistas, e conferem uma ressignificação para defender os pro-jetos educacionais, populares, públicos, gratuitos, geradores de autonomia e emancipação (Paulo Freire).

“Manifesto das humanas para humanos”

O último texto deste opúsculo sintetiza o espírito deste “ato de fala”, ou seja, encarna uma narrativa que se enuncia de acordo com a sintaxe dos manifestos jovens e rebeldes que resistem aos diversos matizes de autoritarismo, repressão e intolerância da gestão governamental neoliberal de Jair Bolsonaro, apoiado pelas bancadas dos parlamentares representantes dos setores do “boi, bíblia bala”.

O texto (assinado por Cynthia Caroline, Germano Medeiros, Jamila Monteiro, Juliana Alves, Rayne Soares e Rodrigo Sousa) é o protesto dos protestos, que se utiliza de jargões particulares para afrouxar as camisas de força dos discursos neofacistas no âmbito das lutas de gênero, da educação, da saúde, dos indígenas, dos negros, das populações quilombolas, do meio ambiente, dos profissionais em seus vários ramos da divisão social do trabalho.

Para concluir, imbuídos pelo espírito carnavalesco, pela estratégia de desmontagem e remontagem dos signos da cultura, transitando do engessamento dos “símbolos” oficiais, institucionais, neoliberais para uma interpretação “alegórica” do estágio atual da cultura (expressão tão cara à crítica modernista, à tropicália e ao Manguê Beat), citamos os versos do samba enredo da carioca Escola de Samba Mangueira, no desfile de 2020, um autêntico manifesto que sintetiza a indignação geral da nação brasileira:

Jesus da gente! Mangueira entrou mandando o rap: Jesus negro, Jesus mulher, Jesus sendo achacado por policiais, Jesus

mestre-sala, Jesus mendigo, Jesus índio: “Eu sou da Estação Primeira de Nazaré. Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher. Moleque pelintra no buraco quente. Meu nome é Jesus da Gente. “ (...) “Favela, pega a visão. Não tem futuro sem partilha. Nem messias de arma na mão”. Lindíssimo ver no carnaval o que queremos na política e na sociedade! Carnaval contra intolerância e pela liberdade. (Ivana Bentes, FaceBook, 24.02.2020)

Em síntese, o trabalho apresenta micronarrativas como expressões de crítica da gramática neofacista contemporânea. Textos curtos e certeiros tramam uma espécie de curto-circuito nos discursos racistas, classistas, sexistas, que espalham o medo, a violência e o crime. Os artigos-manifestos aqui apresentados – por meio de sintaxes indignadas – enfrentam a devastação neoliberal, fundamentalista, neopentecostal e miliciana nas instâncias da educação, arte, economia, trabalho, direitos sociais. E seus articuladores, inspirados na inteligência crítica, estética da subversão e comunicação transformadora, alertam para os desvios, fraudes e falcatruas que assolam as instituições nacionais, sob o manto da ordem e da legalidade.

Cláudio Cardoso de Paiva, quarta-feira de cinzas de 2020

Cláudio Cardoso de Paiva é graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba (1984), mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1988), mestre (1991) e doutor em Sciences Sociales - Université de Paris V (René Descartes) (1995). É professor titular do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Introdução aos manifestos

Manifestar. Do latim, *manifestare*: dar a conhecer; tornar público; declarar, revelar, divulgar; fazer coletivamente demonstração pública, geralmente de teor político ou de protesto¹.

Em uma década marcada pela emergência de movimentos de ativismo em rede, com protestos de naturezas diversas – Movimento Cinco Estrelas (Itália), Geração à Rasca (Portugal), Movimento 15-M ou Indignados (Espanha), Primavera Árabe (Norte da África e Oriente Médio), Occupy Wall Street (Estados Unidos) e Jornadas de Junho de 2013 (Brasil), apenas para citar alguns² –, manifestar passou de palavra a ação, nas redes sociais digitais, nas ruas e praças públicas, dessas e de outras latitudes.

Nesse contexto, a proposta que se desdobra nas próximas páginas partiu do verbo para o seu substantivo, *o manifesto*, a sua expressão prática, aqui tomada como ferramenta metodológica para a experiência educacional. Em maio de 2019, na ressaça desses movimentos, manifestos distintos ocuparam também as salas de aula do curso de Comunicação Social (Educomunicação) da Unidade Acadêmica de Arte e Mídia (UAAMI) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

1. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/manifestar/>>. Acesso em 9 fev. 2020.

2. Sobre o tema, consultar tese de doutorado desta autora, parcialmente publicada no livro *Net-ativismo: protestos e subversões nas redes sociais digitais* (MAGALHÃES, 2018).

Sabe-se que o campo da Educomunicação compreende diversas áreas de intervenção, tais como Gestão da Comunicação nos espaços educativos, Educação para a Comunicação, Mediação tecnológica na prática educativa, Pedagogia da Comunicação, Produção midiática a serviço da educação, Reflexão epistemológica sobre o campo da educomunicação e Expressão comunicativa através das artes. Esta última pode ser definida como a que “está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa, como meios de comunicação acessível a todos” (SOARES, 2011, p. 47).

Logo, a fim de estimular o potencial de expressividade dos estudantes de Educomunicação através do campo artístico, aqueles que cursavam a disciplina de Comunicação e Realidade Regional no período 2019.1 foram convidados a elaborar manifestos, inspirados nos movimentos culturais que contribuíram para a construção de um imaginário sobre a realidade nacional e regional brasileira.

O “Manifesto da poesia pau-brasil”, do movimento Modernista³, a canção-manifesto “Tropicália”, do movimento de mesmo nome⁴, e o “Manifesto Caranguejos com Cérebro”, do movimento

3. Conjunto de movimentos culturais diversos (literatura, arquitetura, design, artes plásticas, teatro e música) que emergiram na primeira metade do século XX e marcaram uma ruptura estética nas artes brasileiras, tendo como marco inicial a Semana de Arte Moderna de 1922, de São Paulo. O “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, assinado por Oswald de Andrade, expressa esse desejo de ruptura com as tradições europeias em prol de uma liberdade criativa e da busca por uma originalidade nativa brasileira.

4. Movimento estético e comportamental que mesclou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais do final dos anos 1960, a exemplo de correntes de vanguarda e da cultura pop nacional e internacional. Discos antológicos foram produzidos a partir do movimento, como a obra coletiva *Tropicália* ou *Panis et Circensis* e os primeiros discos de Caetano Veloso e Gilberto Gil, que incluíram vários clássicos, com a canção-manifesto “Tropicália”.

Mangue Beat⁵, reproduzidos com fins didáticos na primeira parte deste livro, foram escolhidos não apenas por suas valias no aprendizado de história ou estética da arte. Entre tantas expressões da cultura brasileira, os recortes desses três movimentos, de contextos temporais, geográficos e socioculturais distintos, mereceram destaque em nossos debates pela originalidade na produção de novos sentidos a partir dos e sobre os diversos Brasis.

Pelo teor do conteúdo ministrado na disciplina de Comunicação e Realidade Regional, a expectativa em torno da elaboração de manifestos pelos estudantes mirava a difusão de aspectos esquecidos da cultural local. Porém, as tensões políticas nacionais, o avanço do conservadorismo no país e os ataques ao ensino superior público e gratuito em 2019 – com a Universidade comparada a espaço de “balbúrdia”⁶ – levaram os resultados desta experiência educacional, de tema e formato livres, à produção de manifestos catárticos.

Na segunda parte deste livro, apresentamos os gritos de alerta dos estudantes contra o machismo (“Paraíba feminina, sim *sinhô!*”), a transfobia (“A vida que ninguém quer ver”), o desmonte

5. Também conhecido como Mangue Bit ou Manguebeat, movimento da contracultura surgido em Recife (PE), nos anos 1990, com a proposta de misturar ritmos regionais, como o maracatu, com rock, hip hop, funk rock e música eletrônica. Trouxe como principais críticas o abandono econômico-social do mangue e a desigualdade social de Recife e do Nordeste em geral. O manifesto “Caranguejos com Cérebro”, que marcou o seu lançamento, foi escrito por Fred Zero Quatro (MONTEIRO, 2012).

6. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>>. Acesso em 10 fev. 2020.

das universidades públicas (“Desculpe a balbúrdia: estamos lutando pelo futuro da educação”) e os casos de autoritarismo denunciados em espaços institucionais de universidades públicas (“Manifesto das humanas para humanos”).

Tal experiência revelou como a Universidade é considerada por muitos estudantes como uma verdadeira casa, um território de liberdade e acolhimento para a expressão e a diversidade em todas as suas formas. Na condição de professora da disciplina e proponente da atividade aprendi, com o exercício que desafiei os meus alunos, que não adianta limitar temas para um manifesto, este precisa vir de dentro. E em tempos de resistência, os mundos múltiplos que habitam em cada um concorrem para projetar as suas vozes.

Como tenho aprendido mais do que ensinado nesta imersão no campo educacional, resolvi compartilhar a experiência neste livro, um projeto independente que reúne alguns dos manifestos que serviram de inspiração para a atividade e outros produzidos pelos estudantes. Os textos aqui reproduzidos, com toda a liberdade que cabe a uma atividade deste gênero, não representam necessariamente o pensamento desta organizadora nem o da instituição em que a atividade foi desenvolvida.

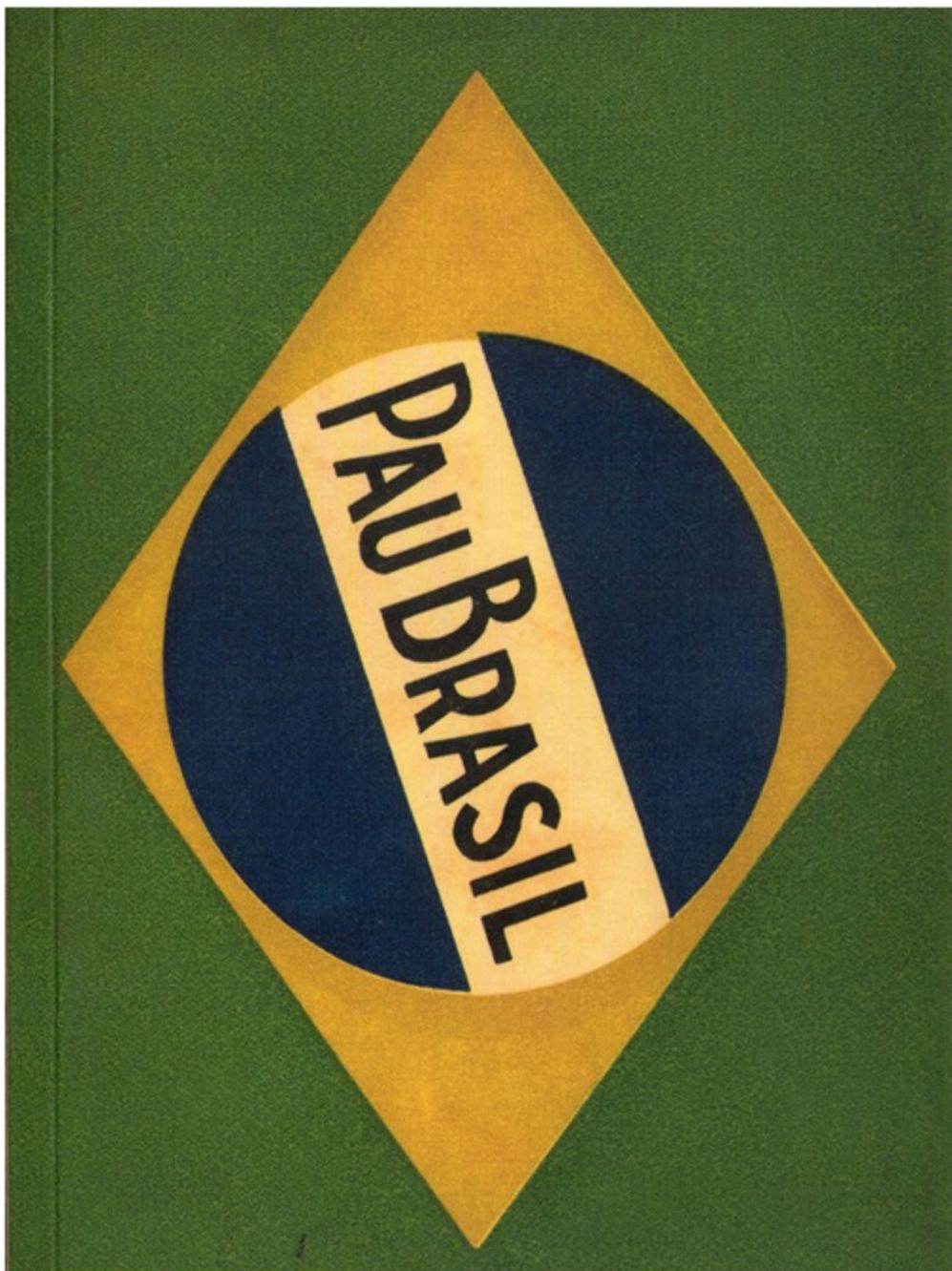
Despretensiosamente, finalizo a introdução à obra que ajudei a organizar com o meu próprio manifesto, o qual sintetiza a alma deste trabalho: professores, ouçam seus alunos, publiquem as suas ideias, ajudem a circulá-las!

Marina Magalhães

Marina Magalhães é graduada em Comunicação Social - Jornalismo (2008) e mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas (2011) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutora em Ciências da Comunicação - Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias (2018) pela Universidade Nova de Lisboa. É professora substituta do curso de Comunicação Social (Educomunicação) da Unidade Acadêmica de Arte e Mídia (UAAMI) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e docente convidada do Mestrado em Comunicação, Redes e Tecnologias da Universidade Lusófona do Porto (ULP), em Portugal. Atua como pesquisadora associada ao Centro de Pesquisa Atopos e ao Instituto de Comunicação da Nova (ICNOVA).

Parte I

Manifestos e realidades brasileiras — inspirações



“Manifesto da poesia Pau-Brasil”

Oswald de Andrade⁷

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafião e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

Toda a história bandeirante e a história comercial do Brasil. O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. Comovente. Rui Barbosa: uma cartola na Senegâmbia. Tudo revertendo em riqueza. A riqueza dos bailes e das frases feitas. Negras de jockey. Odaliscas no Catumbi. Falar difícil.

O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.

7. Texto publicado por um dos precursores do movimento Modernista, Oswald de Andrade, na edição de 18 de março de 1924 do *Correio da Manhã*. Disponível em: <www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>. Acesso em 15 jan. 2020.

A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

A volta à especialização. Filósofos fazendo filosofia, críticos, crítica, donas de casa tratando de cozinha.

A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem. Tinha havido a inversão de tudo, a invasão de tudo: o teatro de base e a luta no palco entre morais e imorais. A tese deve ser decidida em guerra de sociólogos, de homens de lei, gordos e dourados como Corpus Juris.

Ágil o teatro, filho do saltimbanco. Ágil e ilógico. Ágil o romance, nascido da invenção. Ágil a poesia.

A poesia Pau-Brasil, ágil e cândida. Como uma criança.

Uma sugestão de Blaise Cendrars: - Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de juriconsultos, perdidos como chineses na genealogia das idéias.

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

Uma única luta - a luta pelo caminho. Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação.

Houve um fenômeno de democratização estética nas cinco partes sábias do mundo. Instituíra-se o naturalismo. Copiar. Quadro de carneiros que não fosse lã mesmo, não prestava. A interpretação no dicionário oral das Escolas de Belas Artes queria dizer reproduzir igualzinho...Veio a pirogravura. As meninas de todos os lares ficaram artistas. Apareceu a máquina fotográfica. E com todas as prerrogativas do cabelo grande, da caspa e da misteriosa genialidade de olho virado - o artista fotográfico.

Na música, o piano invadiu as saletas nuas, de folhinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. Surgiu o piano de manivela, o piano de patas. A pleyela. E a ironia eslava compôs para a pleyela. Straviski.

A estatuária andou atrás. As procissões saíram novinhas das fábricas.

Só não se inventou uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano.

Ora, a revolução indicou apenas que a arte voltava para as elites. E as elites começaram desmanchando. Duas fases: 1a) a deformação através do impressionismo, a fragmentação, o caos voluntário. De Cézanne e Malarmmé, Rodin e Debussy até agora. 2a) o lirismo, a apresentação no templo, os materiais, a inocência construtiva.

O Brasil profiteur. O Brasil doutor. E a coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau-Brasil.

Como a época é miraculosa, as leis nasceram do próprio rotamento dinâmico dos fatores destrutivos.

A síntese

O equilíbrio

O acabamento de carrosserie

A invenção

A surpresa

Uma nova perspectiva

Uma nova escala

Qualquer esforço natural nesse sentido será bom. Poesia Pau-Brasil.

O trabalho contra o detalhe naturalista - pela *síntese*; contra a morbidez romântica - pelo *equilíbrio* geômetra e pelo *acabamento* técnico; contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*.

Uma nova perspectiva.

A nova, a de Paolo Ucello criou o naturalismo de apogeu. Era uma ilusão de ótica. Os objetos distantes não diminuían. Era uma lei de aparência. Ora, o momento é de reação à aparência. Reação à cópia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua.

Uma nova escala:

A outra, a de um mundo proporcionado e catalogado com letras nos livros, crianças nos colos. O reclame produzindo letras maiores que torres. E as novas formas da indústria, da viação, da aviação. Postes. Gasômetros Rails. Laboratórios e oficinas técnicas. Vozes e tics de fios e ondas e fulgurações. Estrelas familiarizadas com negativos fotográficos. O correspondente da surpresa física em arte.

A reação contra o assunto invasor, diverso da finalidade. A peça de tese era um arranjo monstruoso. O romance de idéias, uma mistura. O quadro histórico, uma aberração. A escultura eloqüente, um pavor sem sentido.

Nossa época anuncia a volta ao *sentido puro*.

Um quadro são linhas e cores. A estatuária são volumes sob a luz.

A Poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo.
Ver com olhos livres.

Temos a base dupla e presente - a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de “dorme nenê que o bicho vem pegá” e de equações.

Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder

de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil.

Obuses de elevadores, cubos de arranha-céus e a sábia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau-Brasil.

O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional.

Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.

O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito.

O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica.

A reação contra todas as indigestões de sabedoria. O melhor de nossa tradição lírica. O melhor de nossa demonstração moderna.

Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia.

Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.

TROPICALIA



PHILIPS

© 1968



OU PARIS ET CIRGENSIS

Canção-manifesto “Tropicália”

Caetano Veloso

Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhos
Aponta contra os chapadões
Meu nariz
Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento no planalto central
Do país

Viva a bossa-sa-sa
Viva a palhoça-ça-ça-ça-ça
Viva a bossa-sa-sa
Viva a palhoça-ça-ça-ça-ça

O monumento é de papel crepom e prata
Os olhos verdes da mulata
A cabeleira esconde atrás da verde mata
O luar do sertão

O monumento não tem porta
A entrada de uma rua antiga, estreita e torta
E no joelho uma criança sorridente, feia e morta
Estende a mão

Viva a mata-ta-ta
Viva a mulata-ta-ta-ta-ta
Viva a mata-ta-ta
Viva a mulata-ta-ta-ta-ta

No pátio interno há uma piscina
Com água azul de Amaralina
Coqueiro, brisa e fala nordestina e faróis
Na mão direita tem uma roseira
Autenticando eterna primavera
E nos jardins os urubus passeiam a tarde inteira
Entre os girassóis

Viva Maria-ia-ia
Viva a Bahia-ia-ia-ia-ia
Viva Maria-ia-ia
Viva a Bahia-ia-ia-ia-ia

No pulso esquerdo bang-bang
Em suas veias corre muito pouco sangue
Mas seu coração balança a um samba de tamborim
Emite acordes dissonantes
Pelos cinco mil alto-falantes
Senhora e senhores ele põe os olhos grandes
Sobre mim

Viva Iracema-ma-ma
Viva Ipanema-ma-ma-ma-ma
Viva Iracema-ma-ma
Viva Ipanema-ma-ma-ma-ma

Domingo é o Fino da Bossa
Segunda-feira está na fossa
Terça-feira vai à roça
Porém
O monumento é bem moderno
Não disse nada do modelo do meu terno
Que tudo mais vá pro inferno, meu bem

Viva a banda-da-da

Carmem Miranda-da-da-da-da

Viva a banda-da-da

Carmem Miranda-da-da-da-da

© Warner Chappell Edições Musicais

61277860 BRMCA6700234⁸

8. Do álbum *Caetano Veloso*, lançado em 1968. Letra e música disponíveis em: <http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/pop_cae_68_tropicalia.html>. Acesso em 10 fev. 2020.

MANGUIE - A CENA

Emergência! Um choque, rápido, ou o Recife morre, de infarto. Não é preciso ser médico pra saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruir as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus Rios e aterrar os seus Estuários. O que fazer então para não afundar na depressão crônica que paraliza os cidadãos? Há como devolver o ânimo / deslobotomizar / recarregar as baterias da cidade? Simples, basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91 começou a ser gerado / articulado em vários pontos da cidade um organismo / núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo é engendrar um "circuito energético" capaz de conectar alegoricamente as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama. Ou um caranguejo remixando "ANTHENA" do kraftwerk, no computador.

Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em: Teoria do Caos, World Music, Legislação sobre meios de comunicação, Conflitos Étnicos, Hip Hop, Acaso, Bezerra da Silva, Realidade Virtual, Sexo, Design, Violência e todos os avanços da Química aplicada no terreno da alteração / expansão da consciência.

Mangueboys e Manguegirls freqüentam locais como o "Bar do Caranguejo" e o "Maré Bar".

Mangueboys e Manguegirls estão gravando a coletânea "Caranguejos com Cérebro", que reúne as bandas Mundo Livre S/A, Loustal, Chico Science & Nação Zumbi e Lamento Negro. O disco será lançado pelo selo *Chamagnathus granulatus sapiens*.



Chamagnathus granulatus sapiens.

Manifesto “Caranguejos com cérebro”

Fred Zero Quatro⁹

Mangue, o conceito

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e

9. Texto escrito pelo jornalista, compositor e músico, fundador da banda Mundo Livre S/A, publicado em 1992, inicialmente em diversos veículos da imprensa local. O manifesto catalisou um desejo por mudança na realidade de um dos estados mais pobres do Brasil (Pernambuco), convocando à criação de um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop a fim de movimentar a cena artística de sua capital, Recife. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html>. Acesso em 20 jan. 2020.

mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

Manguetown, a cidade

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade *maurícia* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais. Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de *progresso*, que elevou a cidade ao posto de *metrópole* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da *metrópole* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

Mangue, a cena

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de

uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo era engendrar um *circuito energético*, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

Hoje, Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.

Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e começarem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.

Parte II

O manifesto como experiência educomunicativa

Paraíba feminina, sim sinhô!

Aluska Freire, João Morais,
Letícia Neiva, Renato Douglas,
Rodolfo Santos, Wemerson Roberto

Aos olhares que nos desnudam, que nos estupram, nos perturbam, nos assassinam. Aos que falam que somos frágeis, aqueles que na maldade dizem não termos igualdade. Do mito que nos sexualiza, nos objetifica.

Os assédios são diários, são machistas, relativizados, minimizados e acobertados, inclusive por quem deveria ser responsável, mas prefere justificar colocando a culpa na vítima, por não saber se vestir ou se comportar.

Durante toda sua vida, as mulheres foram ensinadas a ficarem caladas diante dos homens e a suportar o machismo presente em qualquer esquina. Mas isso não é mais uma realidade.

Durante o seu cotidiano, além de ouvir frases extremamente escrotas e machistas, mulheres também ficavam presas aos padrões da estética. Esqueciam de quem elas precisavam ser de verdade, na preocupação de como deveriam se vestir ou se comportar para serem aceitas nessa sociedade.

Mulheres que muitas vezes ainda são vistas como o sexo frágil, mas que vêm conquistando cada dia mais o seu espaço, deixando muitos tabus para trás e não aceitando absurdos que são ditos por certos mitos. O feminismo nunca matou ninguém, já o machismo mata todos os dias, de várias formas: ele sufoca, machuca e faz calar as vozes de outrem.

Mitos esses que não têm respeito por ninguém e nenhuma classe. Que não pensam no próximo, mas que estão em suas redes falando coisas sem fundamentos, ao invés de estarem abraçando causas e defendendo muitas lutas das mulheres, que sofrem diariamente.

Mulheres que muitas vezes não são valorizadas no mercado de trabalho, e recebem menos que os homens fazendo o mesmo trabalho. Mulheres que são vítimas de agressões físicas ou de abuso psicológico por seus companheiros, e ainda ficam caladas por medo ou simplesmente por serem dependentes em algumas situações.

Lideranças femininas que lutaram por seus direitos, defenderam diversas lutas de classe e fizeram ecoar as suas vozes até os dias atuais são os exemplos para outras mulheres que estão na luta:

- Marielle, presente!
- Olga Benário, presente!
- Margarida Maria Alves, presente!
- Elizabeth Teixeira, presente!

E essas presenças, essas vozes que ecoam hoje são sinônimo de força, determinação, fibra e inteligência.

Do luto, foi feita a luta, substantivo feminino. Já carrega consigo uma bagagem de força mulher.

Ouvir falas e declarações que são ditas de forma tão natural hoje em dia pelo “mito” cheio de preconceito é assustador. Nele podemos de fato ver uma das faces mais perversa do machismo, que objetifica e desumaniza as mulheres.

Diante de tamanha barbaridade é possível mostrar que a Paraíba está de braços abertos para receber os turistas, que somos ricos em belezas naturais, como também na diversidade humana e cultural. O maior São João do mundo se faz aqui.

Aqui a culinária é rica.

Aqui se faz forró até amanhecer o dia.

Aqui a riqueza natural contempla o nosso litoral.

Aqui o sol nasce primeiro. E sai do olhar dela, a mulher paraibana, que não é mercadoria e tão pouco está à venda, o raio de luz que encandeia quem não sabe enxergar a grandeza da beleza da mulher paraibana e da Paraíba – não masculina, sim *sinhô*, mas de luta feminina.

E com repúdio é que nós vamos dizer: **AQUI NÃO!** Ações machistas vão ser combatidas com muita resistência, garra e luta! O regime perverso que tenta aprofundar as violências e violações dos direitos das mulheres não terão vez. **AQUI NÃO!**

E o grito é cada vez mais forte, entalado na garganta de tantas e tantas... Mas hoje eu mando um abraço e um recado *pra* ti, pequenina: a Paraíba é de força feminina, sim *sinhô!*

A vida que ninguém quer ver

Luís Melo, Luan Gomes,
Efigênio Saraiva, Sabryna Simões,
Haline Oliveira

O que ninguém quer ver está aqui bem perto de nós. Você fecha os olhos para a indiferença. Não se choca com a maldade do mundo. Tente lembrar de quando doía na sua alma a dor de um desconhecido.

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva.

Inclui.

Esta é a história de um olhar. De muitos olhares. Um olhar que enxerga. E por enxergar, reconhece. E por reconhecer, salva.

O olhar de Dandara dos Santos, que foi espancada e executada a tiros no Bom Jardim, bairro de Fortaleza, no Ceará, em fevereiro de 2017.

Ela era a enfeitada da vila enfeitada. Era uma imagem indesejada no espelho da sociedade.

Imunda, meio abilolada, para muitos desregulada das ideias, es-corraçada como um cão, torturada pelos garotos maus. Amarra-da, totalmente violada. Cuspida, apedrejada.

Dandara era a escória da escória. Dandara cantava e sorria, mas por dentro era um monte de entulho. De tristeza e agonia.

Agonia!

De Dandara, Rute, Maria, Letícia, Xuxa, Ricardo e João. Tantos e tantas que se recusaram a ser o que viam no espelho e pagaram com a vida.

Basta!

Basta de tantos casos de violência gratuita!

Basta de impunidade e invisibilidade!

Basta de tanta ignorância e repugnância!

Basta de tanta indignação por uma escolha de vida!

Sim, estamos falando de transfobia.

O excelentíssimo presidente da república fala que o Brasil é um país da família. Sim, de fato é.

Mulheres e homens trans possuem e querem uma família. Que-rem paz, segurança, respeito.

Basta de tanto julgamento, de tanto olhar torto.

Respeita as minas, respeita as manas, respeito!

Isso parece mais uma caça às bruxas, basta de morte na esquina, nas ruas. Basta!

Você já viu notícias de crimes como esse no horário nobre?

A maquiagem do Brasil é a hipocrisia, é a impunidade!

Vamos abrir os olhos, vamos gritar juntos. Um basta!

O nosso país é formado por cores e raças distintas, mas tem uma enorme dificuldade em aceitar e compreender as diferenças. O Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo e nada é feito em relação a isso.

No Nordeste é ainda mais forte o preconceito: “Menino nasceu para ser macho, menina para ser mulher, e o que for diferente disso vai ‘pra’ bala”. Um pensamento arcaico que gera intolerância e violência.

O interessante é que a escolha é particular e quem não tem nada com isso quer opinar, e o pior, se acha no direito de agredir e violentar.

Uma sociedade doente, onde existem os agressores e os apoiadores com um celular na mão, filmando as barbaridades.

Sonhar em ser diferente, ter coragem para se mostrar para o mundo é um risco para o brasileiro. Falamos de liberdade, respeito, amor. Mas se não é padrão, não pode ser tolerado.

Empatia? O que é isso? De onde vem? Para onde vai?

A palavra é empatia!

Já imaginou ter medo de andar na rua?

Ter medo de falar?

Medo de segurar na mão de quem você ama?

Pavor de apanhar a qualquer momento?

De sentir-se seguro somente estando trancado, escondido?

Talvez nunca tenha passado pela sua cabeça, essa mancha de sangue que se espalha na nossa sociedade. É uma estrada, pouco noticiada, mascarada. Não dá audiência, não dá íbope, não gera visualizações. Uma vez a cada seis meses tudo bem falar, mas todos os dias vai cansar o público. Mas sabemos que acontece diariamente.

Por ter colocado a face ao sol, pagou com a vida!

Pedimos que você não só seja não transfóbico, mas que seja antitransfobia!

Você sabe qual a viagem mais rápida e fácil de ser feita?

É a de se colocar no lugar do outro! O que não é padrão para você, é liberdade para alguém!

Respeite.

A transexualidade deixou de ser considerada transtorno mental segundo a Organização Mundial de Saúde. Poderia ser deixado também o preconceito de lado. E a falta de consideração ao próximo.

Essas pessoas estão arrodadas de medo.

A sensação de impunidade transborda no coração.

O direito de ir e vir.

Sair em segurança.

Se vai chegar em casa ao fim da noite?

Ai já é outra história!

E assim vamos vivendo num país onde até nossa “autoridade” maior pensa do mesmo jeito: retrógrado, retardado, antepassado!

O trabalho de conscientização tem que partir de todos nós, lutando contra, informando e abrindo mentes.

Por uma sociedade onde as pessoas sejam mais tolerantes umas com as outras. Pessoas que tenham mais compaixão. Enquanto não dermos voz e vez aos transexuais que estão sofrendo cada vez mais com a intolerância e a violência, não encontraremos um jeito de acabar com esse massacre, que muitos fingem não ver.

Desculpe a balbúrdia, estamos lutando pelo futuro da Educação

Ana Sibelle Moura, Amanda Katarine Silva,
Celine Mendonça, Christiane Pereira,
Jéssica Santos, Neusa Raquel Gouveia

Introdução

Idiota [s. 2g.] [adj. 2g.]: diz-se de ou pessoa que carece de inteligência, de discernimento; tolo, ignorante, estúpido.

Útil [adj. 2g.]: que traz proveito, vantagem; de que resulta o que se espera; proveitoso, profícuo, vantajoso.

É de conhecimento geral que recentemente o Ministério da Educação anunciou um corte de 30% das verbas destinadas às instituições federais, sendo justificado pelo atual ministro, Abraham Weintraub, como recursos que não contribuem para o desenvolvimento acadêmico, mas sim para promover “balbúrdia” nas universidades.

Entretanto, tal bloqueio de verba considerado “não obrigatório” interfere diretamente na manutenção das atividades das instituições, gerando consequências negativas para o seu funcionamento das mesmas. Uma vez que tal valor é atribuído aos gastos

fixos como luz, água e serviços terceirizados, assim como também é destinado a bolsas e auxílio de estudantes que participam de projetos de pesquisa e programas de pós-graduação.

Destarte, no dia 15 de maio de 2019, estudantes e professores em o todo o Brasil saíram às ruas protestando contra o “contingenciamento” dos gastos na área da educação, em um movimento que ficou denominado como 15M, sendo ainda considerado um marco nacional, por representar a primeira grande mobilização no país durante o governo do atual presidente, Jair Bolsonaro.

Todo trabalho que é desenvolvido pela academia brasileira é de grande relevância para atender a esse imenso país, complexo e plural que é o Brasil. Assim, as manifestações do 15M foram vistas como o início para um movimento que tem encorajado futuras manifestações em defesa da educação pública de qualidade no país. Mesmo que, para o presidente, os manifestantes – que são estudantes e em sua maioria contribuem para o avanço científico e tecnológico do país – sejam reconhecidos como “idiotas úteis”.

#15M

Os recursos públicos são essenciais para as pesquisas, manutenções das universidades e ingressos nesses campos e limitar essa verba só vai acarretar em consequências nefastas. É como se o país estivesse em pleno retrocesso.

Tem alguma lógica pensar que cortando gastos vai resolver algum problema? Ou seria mais inteligente perceber que é apos-

tando e investindo na educação que a nossa história poderá ser bem diferente da realidade atual?

Será que esse contingenciamento realmente é temporário? Ou a verdadeira intenção governamental é sucatear as áreas de saber público, a fim de um povo que não questione e pense, mas sim obedeça. O 15M mostra ser um “grito de socorro” dos estudantes e todos aqueles que possuem algum vínculo a área da educação. É triste pensar que o presidente da República não dá a devida importância para o ato. Ignorar o movimento não traz progresso nenhum para o país que ironicamente é apresentado pelo atual governo com o lugar onde reina a democracia.

A educação transforma, muda, evolui o ser humano. A universidade é moradia para essa transformação. Une negro, branco, pardo, índio e estrangeiro. Revoluciona.

Somos idiotas?

Carecemos de inteligência quando se faz necessário um intelecto aguçado para compreender que armas são a solução para um país em declínio, que está navegando à deriva sob qualquer ordem de um suposto messias que se conclamou ‘mito’ por seus seguidores.

Somos idiotas?

Carecemos de inteligência para afirmar que ‘mito’ é alguém que celebra o ano catastrófico, sangrento, repressivo de 1964.

Somos idiotas?

Carecemos de inteligência para afirmar que os alunos os quais estão lutando pelo seu direito nas ruas, avenidas e praças são “idiotas úteis”.

Somos idiotas?

Sim, somos idiotas para afirmar todas as falas de desprezo com a educação e com a história da nossa sociedade baseada em tantos anos de conhecimento, estudos e pesquisas que o seu presidente da República expressa sem ao menos debater com uma parte do corpo discente e docente das universidades.

“Idiotas úteis”. Somos?

Sim, somos!

Somos idiotas que revolucionam a pesquisa, desenvolvem vacinas e cura para doenças, produzimos novos remédios, desenvolvemos a infraestrutura, criamos programas para a proteção ambiental e estudamos a sociedade e seus problemas sociais e econômicos.

Por isso, nos conheçam:

Somos espertos e inteligentes o suficiente para saber que nossa educação, nosso conhecimento e nossa união abala toda a República.

A partir de hoje, nos chame de úteis, mas de idiotas, NÃO!

Vem dizer que não é corte, é contingenciamento
Me diz: como nossas universidades vão ter sustento?

“Tira a mão da nossa educação!”

Porque sem educação já basta o Presidente
ELE não sabe, “ELE NÃO!”

“Tira a mão da nossa educação!”

O mundo a gente transforma e a educação transforma a gente
Que esse bicho é moco, a gente já sabia
Dia 15 não nos ouviu não, mas agora dá uma de doido
Tem nada não, dia 30 VAI SER MAIOR!
Agora “Não é mole não tem dinheiro pra milícia, mas não tem
pra educação”

Pois já dizia o eterno Chorão:

“O jovem no Brasil nunca é levado a sério”

Vamos mostrar que “Balbúrdia é ter votado no 17 e não ter se
arrependido”

Manifesto das humanas para humanos

Cynthia Caroline, Germano Medeiros,
Jamila Monteiro, Juliana Alves,
Rayne Soares, Rodrigo Sousa

Educação é resistência e precisa resistir, não pense você que só porque esse país é marcado por desigualdade que a coragem há de faltar

É gente querendo nos tirar o fôlego

É gente querendo tirar o seu direito de existir por ser quem é

Não pense você que esse manifesto falta com a coragem de expor gente terceirizada que acha que escopeta dá de comer

A Educação vai resistir, porque ela é revolução

E se é revolução, o único lugar do mundo que seu preconceito não está escrito é na Constituição

Esse manifesto é afronta, contra a segurança mentirosa que asso-la e tenta amedrontar os estudantes, enquanto dançam

É dia 17 de Maio

Dia de luta

E quase que a luta acaba em vermelho-sangue

Esse manifesto denuncia toda e qualquer repressão do governo
contra a Universidade Federal

Esse manifesto grita a favor de quem teve coragem de bater de
frente com quem tem a audácia de esconder-se atrás de uma es-
copeta e de uma roupa preta (cor de caixão)

Está anunciado, nasceu!

Nasceu o corte de 30 de 100

Agora, ninguém mais vê a bandeira brasileira balançando por aí

Escurece o verde e amarelo que tem o Brasil

Nasceu o corte que agrava ainda mais o desmonte da qualidade
do estudo e de estudar

É dia 17 de Maio

E tem gente que acha que ainda pode nos silenciar

Tem gente que acha que a juventude há de se calar

Se calar? É, se calar

Como pode o brasileiro que nunca desiste, deixar sua escola se
acabar?

Esse manifesto é das humanas para humanos

É dos alunos que querem se livrar do homem-peso que se assenta
num trono revestido de mentira e ganância

É dia 17 de maio

Dia do combate à LGBTQfobia

Dia em que a juventude se une pra respirar

Enquanto se expressa com o corpo com a arte

É dia 17

E 17 é um número que no contexto político nos condenou e tentou assassinar nossa liberdade

Mas dizemos bem, tentou

Porque no dia 17 de maio

Teve gente que se manifestou

Que se juntou

E ocupou o espaço que é seu

Seu mesmo, você que está lendo ou ouvindo

Teve gente que ocupou o espaço público

E acima de tudo e de todos

Gritou

E não se deixou calar ante o fardamento que antes era sinônimo de segurança

E agora é sinônimo de vingança

Que alega proteção, entregando uma arma ao cidadão

Mas se a arma fosse solução, aí você podia acabar com a educação

Pra quê pensar? Se dá pra (a)tirar primeiro

Sorte nossa que conhecimento não é roubado

Isso não nos tiram jamais, pois aquilo que os “vagabundos balburdiadores” adquiriram em sala de aula

Arma nenhuma tirará.

Epílogo

Em um espaço público e democrático todos são bem vindos no papel

Mas de fato, nas ruas somos xingados, nas praças somos apedrejados, por expressarmos o amor que nos foi ensinado:

O de Jesus sem pecado.

Não, o capitão não sangrou por nós, mas fez sangrar a Constituição. E com isso assinou a sentença, aticou as feras, rompeu de uma vez o pacto divino, disseminando o ódio, combustível para os intolerantes.

“Bolsonaro mandou acabar com a festa” disseram-nos.

Entre o rosa e o azul, escolhemos o multicolorido manto da esperança. Escolhemos viver em paz e com alegria, amando e respeitando todas as criaturas viventes.

Mas antes precisamos resistir,

Nos impor em um mundo que não quer nossa presença

Tolos são os que não reconhecem os benefícios da nossa existência
E com bravura, seremos um bug nesse sistema, mas lutando com
persistência.

E agora um poema para reivindicar:

Dirigindo-se ao nosso presidente, deixamos claro o desprazer
com seu trabalho.

Mas de fato, lhe convidamos ao contato

Porta a porta, sala a sala

Aos becos e às praças

Solicitando nosso local de fala

Apenas para mostrar o que lhe falta:

Empatia em sua fala.

A universidade é nosso lar

Acolhe a todos sem pensar

Do senhor aposentado

Aos jovens namorados

Quando encontram um local diversificado

Onde podem confiar.

E para finalizar:

A universidade é nosso lar,
nosso ponto de encontro,
não iremos transformá-la em um monte de escombros.

Mas pedimos agora, que com outros olhos veja,
só temos duas opções:

Resista ou padeça!

Por isso, reivindico o espaço,

que por lei nos é dado

Para não permitir que um passado

Que há tempos nos tem amedrontado

Nos mate sem pensar.

Últimas notas de campo

Compartilho este projeto pela beleza que ele representa e por uma grandeza que não cabe nas paredes de uma sala de aula. Compartilho também porque vivemos um tempo em que é necessário não apenas impedirmos que silenciem as vozes, mas também ajudemos a projetá-las.

A semente desse projeto surgiu em um papo com os professores Cláudio Cardoso de Paiva e Nadja Carvalho (que naquela altura nem imaginavam o que viria), sobre ideias e referências para trabalhar em sala, na disciplina de Comunicação e Realidade Regional. Após quase uma década por outras latitudes, estava prestes a desenvolver o meu primeiro trabalho em uma Universidade pública no Brasil (a UFCG, no curso de Comunicação Social - Educomunicação) e recorri aos meus antigos mestres, sempre tão solícitos e antenados, a fim de trocar ideias.

Nadja compartilhou experiências criativas de escrita com os seus alunos do curso de Mídias Digitais da UFPB. Cláudio, por sua vez, me lembrou dos movimentos (Modernista, Tropicália, Mangue Beat) que gostava de trabalhar em sala. A partir deles, cheguei aos manifestos. E destes, à ideia de aplicá-los como prática educacional, a qual venho afinando dia após dia, com os colegas professores e alunos do então novo curso em que ainda leciono, na condição de professora substituta.

Ao assumir a referida disciplina, no começo de 2019, no contexto do debate sobre a questão da representação nas artes e no cenário midiático nacional, apresentei aos alunos os manifestos *Pau-Brasil*, *Tropicália* e *Caranguejos com cérebro*, como fragmentos de um grande mosaico cultural do nosso país. Produzidos e difundidos de modos diversos, em épocas e atmosferas culturais distintas, tais manifestos lançaram mensagens originais e inovadoras para o mundo, sobre a diversidade dos muitos Brasis que habitamos.

Após uma série de aulas teóricas e dialógicas, provoqueei os alunos a produzirem as suas próprias mensagens, com escolha livre do tema, desde que contemplasse a dimensão da diversidade cultural do país. Eis que algumas semanas depois, no final da disciplina, tais manifestos chegarem como verdadeiros gritos de guerra contra a truculência, o racismo, o machismo, a transfobia, dentre outros sintomas de um Brasil com suas patologias, que tenta se recuperar por meio da resistência, da sensibilidade e da genialidade também existentes no seu povo. Como podemos observar na produção de 23 vozes distintas, reunidas em quatro manifestos, que nesta obra ajudo a ecoar.

O projeto então tomou forma de livro, com uma espécie de prefácio-manifesto, uma comissão de frente de primeira grandeza, assinado por Cláudio Cardoso de Paiva. E encontrou acolhimento e uma diagramação afetuosa na editora Marca de Fantasia, comandada pelo também professor Henrique Magalhães, responsável por demarcar e preservar uma terra firme para a mídia alternativa, a poesia marginal ou para uma academia poética e irreverente.

Que a leitura dos manifestos aqui reunidos fomente a produção de ideias e de ideais, que embale poeticamente processos de catarse, que avelude os gritos que não podem mais ser contidos – ainda que apenas pela beleza dos cantos. A estética, com sua ética, também pode ser revolucionária!

Marina Magalhães
Professora, jornalista e pesquisadora

Referências

AGOSTINI, R. MEC cortará verba de universidade por “balbúrdia” e já enquadra Unb, UFF e UFBA. **O Estado de S. Paulo**, 30 abr. 2019. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>>. Acesso em 10 fev. 2020.

ANDRADE, O. Manifesto antropófago e Manifesto da poesia pau-brasil. **Correio da Manhã**, 18 mar. 1924. Disponível em: <www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>. Acesso em 15 jan. 2020.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento**. O contexto de François Rabelais. São Paulo/Brasília: Editora Hucitec, 2010.

MAGALHÃES, M. **Net-ativismo**: protestos e subversões nas redes sociais digitais. Lisboa: Coleção ICNOVA, 2018.

MANIFESTAR. In **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/manifestar/>>. Acesso em 9 fev. 2020.

MONTEIRO, I. A. **Na lama da Manguetown**: a comunicação e o cotidiano do homem caranguejo na cidade mídia. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal da Paraíba, 2012.

SOARES, I. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

VELOSO, C. **Tropicália**. Rio de Janeiro: Warner Chappell Edições Musicais Ltda., 1968. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/pop_cae_68_tropicalia.html>. Acesso em 10 fev. 2020.

ZERO QUATRO, F. Caranguejos Com Cérebro (manifesto). **Memorial Chico Science - Prefeitura do Recife**. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html>. Acesso em 20 jan. 2020.



Banksy